

corpos, beleza e emoção

raísa reis wardini rayes

Primeiramente, é preciso estabelecer alguns pontos-chaves que diferenciam uma aula-teatro de uma peça teatral. Esta é composta de uma narrativa original, estruturada por apresentação, desenvolvimento e desfecho. Possui ainda personagens que, interpretados por atores, são revestidos de um nome e caráter psicológico. Sucintamente, a peça teatral é uma representação.

Uma aula-teatro diverge em todos estes aspectos, a começar por sua autoria – que, embora no caso de “*saúde!*” seja atribuída a Gustavo Ramus e Luíza Uehera – não se trata de uma trama original ou mesmo da narrativa clássica do teatro, sendo composta por trechos e segmentos de outras obras devidamente creditadas, compondo assim não uma experiência comparada ao dadaísmo, embora a relação de suas

Raísa Reis Wardini Rayes é estudante de graduação do curso de Multimeios da PUC-SP.

partes seja guiada levemente por uma progressão histórica.

Da mesma forma, os atores da aula-teatro, que não possuem nenhuma experiência com atuação profissional, não interpretam personagens delimitados por uma caracterização fixa, mas encarnam vários papéis indefinidos à medida que a experiência avança, por vezes interpretando a si mesmos.

Estes 'atores' são, na verdade, pesquisadores que, como membros do grupo e juntamente com o Nu-Sol, realizam as pesquisas referentes ao tema que se delimitou para uma determinada aula-teatro. Aos seus escritores recai a responsabilidade de, após uma seleção de material realizada pelo grupo, realizar sua montagem na ordem que julgarem melhor, tendo ainda a liberdade para acrescentar alguns trechos de suas autorias, sendo que o produto final é sempre um resultado de um consenso entre todos os membros do grupo.

Por fim, a aula-teatro é uma apresentação, na medida em que é revestida de um caráter acadêmico e educacional, mantendo, então, esta característica expositiva de relatar o fato com a ajuda da arte e de provocar reflexão. Isso é bem demonstrado em um trecho da aula-teatro quando um jovem relata o sofrimento dos anos 1980, acompanhado de um coro de estalos de dedo, que sinalizam que naquele momento ele apresenta um fato. Quando o coro para, o jovem se apresentando como ele mesmo, admite que não experienciou o sofrimento de tal década, como sua idade bem aparenta.

Como já mencionado, a aula-teatro busca criar uma espécie de progressão do conceito de *saúde* nas sociedades, desde a Grécia Antiga, até a contemporaneidade, utilizando-se de textos verbais e não-verbais, histórias gerais de um povo e perspectivas teóricas e acadêmicas sobre o tema, tanto quanto histórias pessoais, de quem viu e viveu.

De certa maneira, a aula-teatro se assemelha ao teatro dionisíaco uma vez que possui um aspecto trágico, que é a indeterminação de seu fim. Por assim dizer, não há soluções apresentadas, apenas problemas e questões sociais das quais, não se vê o fim na atualidade. Outro aspecto que aproxima a aula-teatro da característica dionisíaca são as músicas, presentes em toda a aula e, em especial nesta, onde árias são cantadas durante o teatro, presencialmente, pela convidada Marcia Lazzari.

Referindo-se ainda a este aspecto teatral da experiência, embora não haja a estrutura de desenvolvimento clássico da narrativa, pode-se considerar o segmento onde se cita *Primeiro amor*, de Samuel Beckett, seu clímax, não por apresentar o auge das ações dos personagens, mas por ser o ponto mais importante da aula uma vez que sumariza todo o conceito no qual se centra o desenvolvimento da aula-teatro. Ao dizer que os corpos vivos fedem e os mortos cheiram melhor, não se pretende somente causar um choque na plateia, mas para que esta reflita sobre a fragilidade de seus corpos, que ali no momento se apresentam nus e expostos, vulneráveis. A citação, que não é proferida pelos atores, mas gravada, representa uma personalidade não circunscrita a quem está

no palco, aplicando-a a todos ali presentes, todos os corpos humanos.

Desta maneira, subentende-se a crítica ao momento em que vivemos hoje, na qual a saúde está apenas circunscrita ao físico, e há uma glorificação desta como tal, um encorajamento à constante busca da saúde – física – perfeita. A mensagem que prevalece é a de que o corpo esvanece, a vida é efêmera, e a saúde deve se estender a todo um conceito de vida bem vivida, que às vezes fere o físico, dado sua fragilidade, mas que constitui uma existência humana verdadeiramente saudável, tanto social quanto mental, e mesmo corpórea, na medida certa.

Em favor deste conceito é que se apresenta a origem da biopolítica, o controle dos corpos por parte do Estado, o direito de lhe dar a vida e devolver a morte, desmitificando a noção da ‘qualidade de vida’, que mais do que tudo se refere à força física que nos torna produtivos e, além disso, dóceis, suscetíveis ao controle, tal como massa pela qual somos tomados.

Por fim, se não como uma solução, mas como exemplo, são apresentadas as práticas libertárias, sobretudo a dos anarquistas nos séculos XIX e XX, práticas tais que buscavam subverter este controle dos corpos e redefinir *saúde* como uma forma de existência, mais digna e melhor.

Outros pontos da aula-teatro são importantes destacar, como a constante citação do questionamento “Eu sou neguinha?”, retirado da música de Caetano Veloso, simbolizando todos os estigmas as-

sociados aos negros do mau cheiro, do proibido, do excluído.

Outra fala gravada, citação de Pina Bausch, na qual se apresenta a dança como uma linguagem, única forma de expressar certos sentimentos, impossíveis de se fazer com a fala. Desta forma, o corpo é apresentado como forma de linguagem, contrapondo-se à noção dos corpos frágeis e vulneráveis. É, assim, uma plataforma de expressão, sua saúde está também contida neste aspecto, no que pode comunicar, não só em nossas ações cotidianas, mas na criação de um código linguístico de profunda beleza e emoção.

Este fato pode ser observado nas três sequências de dança livre realizadas durante a aula, ao som de músicas da Billie Holiday, na qual os sentimentos ali transmitidos são claramente deferidos através dos movimentos criados pelas atrizes e, por vezes, dando continuidade à ambientação do segmento anterior a cada dança e ao sentido da própria música e sua letra.

Referente à ambientação, o cenário, composto por raios X servem para aproximar o público da performance, uma vez que representa algo irremediavelmente humano, e fazer com que este se reconheça no palco, à primeira vista. Ao mesmo tempo, dada a união dos fotogramas por aros, pretende-se representar o que fere os corpos, que os separa e perfura, esta uma crítica à saúde como imposição de *status* de normalidade e medidas extremas.

É deste modo que, quando do referenciando *Primeiro amor*, dois corpos são capazes de atravessar as cortinas de raios x, em uma metáfora dos corpos

livres, capazes de ultrapassar barreiras e limitações até mesmo invisíveis. Quando os atores retornam à frente do palco deixam para trás a marca de seus corpos na barreira que atravessaram, a barreira que transpassaram.

Da mesma forma, a iluminação, usada ora para criar uma clara visão do palco, ora para destacar certas ações acontecendo no palco, a luz amarela criando uma ambiência mais alegre e confortável, mais aberta, era geralmente usada sobre grande parte do palco. O azul e o vermelho, usados apenas como geradores de *spots* contribuía para a construção de uma atmosfera mais sombria, gerando um estranhamento nos espectadores e, dado o contraste de cores quentes e frias, por vezes gerando tensão sobre os acontecimentos no palco. O uso de sombras e a criação de espaços escuros eram também utilizados com o propósito de produzir atmosfera mais melancólica, sombria ou mesmo pessimista, sem, porém acrescentar à tensão presente pelas cores vivas. Muitas vezes, quando utilizadas em conjunto, a atmosfera criada era quase sobrenatural, onírica.

Na construção do conteúdo de divulgação da aula-teatro, dado o emblema principal presente no folder, cartaz e no site, observa-se uma faixa azul, que mesmo nas versões em preto e branco do folder e cartaz, transmite uma clareza de emoções e tranquilidade dado seu formato semelhante a uma onda. Ao mesmo tempo, a fonte tipográfica, informal, quase cursiva; causa um estranhamento, juntamente com o uso de apenas caixa baixa na própria palavra *saiúde!* e

com os espaços em branco deixados dentro das letras ‘a’, ‘d’, ‘e’!.

Da mesma forma, estes espaços em branco, quando na versão colorida do site, servem para reforçar a tensão criada pelo título em preto sobre a cor azul, que cria uma relação agressiva de cores em contraposição ao branco combinado com o azul, que cria suavidade e leveza, bem como transfere o olhar a “aula-teatro 11 do nu-sol”, estes novamente em caixa baixa – bem como todas as outras informações presentes no cartaz e no exterior do folder – reforçando a ideia da anarquia da composição. Esta anarquia também está presente no modo como cartaz e folder se apresentam, na horizontal e fora dos padrões de produção destas ferramentas ilustrativas no design.

Por fim, a performance da aula-teatro é muito marcada pelo espaçamento criado pelos próprios “atores”, na qual a utilização dos espaços do anfiteatro demarcam o andamento da aula, e muitas vezes adquirem significado sobre o que está sendo dito, demonstrando novamente o uso dos corpos como linguagem, como expressão. Eles por vezes andam em grupos, de modo que sua sincronia adquire qualidade de signo nos vários contextos apresentados. Marcadamente, toma-se então como símbolo deste movimento dos corpos, a formação de uma barata gigante ao início da aula, toda composta de corpos, se movimentando em sincronia como um inseto gigante, em alusão à *Metamorfose* de Kafka, apresentando os corpos que se transformam em referência à sobrevida e à morte da vida.